

## A BOA CLIPAGEM

POR NELSON VARÓN CADENA

Em 14 de maio próximo, os baianos comemoram 200 anos de imprensa, data-referência de circulação do jornal *Idade D'Ouro do Brasil*, editado na tipografia Silva Serva, primeiro estabelecimento da iniciativa privada no país voltado para o mercado editorial. Na verdade, uma concessão do Príncipe Regente ao tipógrafo, através da instância governamental que naquele tempo tratava dos assuntos de mídia: a Secretaria de Negócios Estrangeiros e da Guerra. Por que essa repartição? Imprensa era um assunto estratégico. A Europa estava em guerra e, se a família real fixara residência no Brasil, fora justamente para salvar os anéis sem entregar os dedos.

Nesse contexto, a mídia teria um papel específico determinante: Informar os cidadãos portugueses residentes no Brasil do andamento da guerra no seu país de origem e países vizinhos. Os portugueses residentes na Bahia, como os do Rio de Janeiro, também desejavam retornar para sua terra natal, logo que restabelecida a paz. Por isso a linha editorial do *Idade D'Ouro do Brasil*, semelhante à da *Gazeta do*

*Rio de Janeiro* - este último um jornal do governo -, tinha o único objetivo de cobrir a guerra, para bem informar seu público-alvo, cidadãos portugueses residentes provisoriamente no Brasil, não por opção própria.

Essa circunstância - o jornal com conteúdo adequado ao seu público - foi deixada de lado pelos historiadores, que optaram por uma leitura preconceituosa fundamentada em um filtro específico, chamado Independência do Brasil. A história estabeleceu clichês para os periódicos da época. No caso específico do *Idade D'Ouro*, o jornal foi rotulado pejorativamente de "áulico". Não que não o fosse em algum momento de sua existência, mas não se julga uma publicação que sobreviveu 12 anos em um período de exceção. O rótulo de "áulico" é uma referência explícita a seu posicionamento editorial em torno da guerra pela Independência da Bahia, entre 1821 e 1823.

O *Idade D'Ouro do Brasil* era uma publicação engajada, sim, como todas as outras publicações que circularam no Brasil no período de sua existência. Naquele tempo três movimentos políticos se movimentavam nos bastidores e os veículos refletiam exatamente esses movimentos. O *Idade D'Ouro do Brasil* era tão parcial quanto O *Independente Constitucional*, de Montezuma, o seu contraponto. O primeiro alinhado com a resistência e o governador de armas do Estado; o segundo alinhado com os rebeldes, um público heterogêneo que incluía profissionais liberais, mas também comerciantes e senhores de engenho com interesses contrariados. O *Idade D'Ouro do Brasil* não era melhor nem pior que seus concorrentes e, do ponto de vista de qualidade editorial, não era diferente.

O conteúdo editorial determinado pelas circunstâncias em 1811, o andamento da guerra europeia e o seu impacto no país prescindiam da figura do jornalista, no sentido de repórter que vai em busca da notícia. O "redator" do *Idade D'Ouro do Brasil*, que a história atribui a Vicente Portela, ao padre Inácio José de Macedo ou a Diogo Soares da Silva e Bivar, não era redator coisa nenhuma. Nada redigia, a não ser notas de rodapé de duas linhas. Era editor e, nem isso, no contexto em que entendemos hoje essa função. A melhor definição seria a de um cidadão com expertise em clipagem das gazetas europeias e "bom senso" para seleção das matérias que deveriam ser reproduzidas. Avaliando-se a importância da informação e a fonte: alinhada a Napoleão ou às forças de resistência. ■

